

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Dossiê:

Sons dos silêncios:

Crimes e prisões sob uma perspectiva histórico-interdisciplinar

Volume 21 | Número 1 | Ano/período: jan/abril 2022

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v21i1.13688

ISSN: 2763-8804

Apresentação

Presentation | Presentación

Camila Similhana Oliveira de Souza ¹  

DOAJ
DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

¹ Professora visitante do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus São João Evangelista. Atualmente dedica-se à residência pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu PROMESTRE – Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG. Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, pós-graduada em Arte Contemporânea pelo Instituto de Educação Continuada da PUC-Minas, bacharela e licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Quando ofertei a presente proposta de dossiê, pensei em uma abordagem multifacetada das pesquisas sobre crimes e prisões. Não esperava, contudo, que os artigos ofertassem um panorama tão rico destas perspectivas. Embora os artigos especificamente sobre prisões não tenham sido em grande número, os textos enviados demonstram o quão amplo e profícuo pode ser o olhar em relação aos aspectos correlatos ao tema.

Fugindo da seca e da pena: crime e desarranjo social no Acarape Oitocentista (1879-1881) traz uma análise primorosa edificada a partir de um caso de agressão à faca ocorrido em função de um desentendimento entre trabalhadores da via férrea de Baturité, no lugar Maleitas (Vila do Acarape/CE), no ano de 1879. Com base neste viés, são observados o cotidiano e as experiências de sertanejos livres pobres no contexto de seca, os quais afastados dos seus modos de vida impostos pela contingência da migração, homens e mulheres eram constantemente confrontados a vivenciar desarranjos e ultrapassar fronteiras. Um constante rasgar-se e remendar-se percebido pelo autor como diferentes meios de resistência sob distintas roupagens.

Em *Ser bueno e ser feroz: a violência aberta contra a violência estrutural na prática anarquista*, um frutífero debate é traçado entre a violência aberta e a violência estrutural tendo em vista discursos de Ravachol e de Émile Henry. O artigo contempla espaço também para tratar a respeito da legitimidade da violência no fazer político, procurando resgatar na história um discurso de resistência ao pacifismo imposto à força pelos Estados modernos.

O texto *Violências invisíveis: uma análise histórica dos custos da transgeracionalidade da violência doméstica ao nível da educação*. De maneira peculiar, a autora busca demonstrar a perversidade da violência patriarcal dentro dos lares, desmitificando a suposta sacralidade daquele universo, sobretudo em função da violência paterna por meio de uma análise movida por um olhar histórico.

Ao longo de *Violência (criminosa) do Estado: a ditadura brasileira e o aprofundamento do modelo autoritário da instituição policial*, o autor debruça-se sobre a violência legitimada pelo Estado, especialmente aquelas cristalizadas nas agências policiais. A pesquisa aborda o regime ditatorial de 1964-1985 e a difusão das políticas de segurança baseadas no paradigma da Doutrina de Segurança Nacional, mas também abrange a redemocratização negociada e às cláusulas destinadas aos militares no seio da Constituição Federal de 1988. Em meio a esse processo, problematiza-se: qual a função do regime ditatorial e da Doutrina de Segurança Nacional na estruturação de um aparato jurídico-institucional em relação às Forças Armadas e polícias? Os legados deste período autoritário cristalizaram e intensificaram um modelo de atuação policial enquanto dispositivo estatal de morte? Tais questões demonstram a necessidade de não naturalizar uma suposta violência ancestral que perpassa os aparatos coercitivos brasileiros.

No decorrer das geniais linhas articuladas ao longo da análise desenvolvida em *Intermedialidade e história em Topografia de um desnudo* (Teresa Aguiar, 2009), a autora, por meio de conceitos como intermedialidade e argumentos de fonte, apresenta e analisa os modos como o longa-metragem *Topografia de um desnudo* (Teresa Aguiar, 2009) se apropria de fotografias e edições pertencentes a acervos do jornal carioca *Ultima Hora*, bem como estabelece uma montagem com relatos de jornalistas para contar ao espectador o que teria sido a “Operação mata-mendigos” no decorrer da década de 1960.

No artigo intitulado *A palavra como rótulo ou cura: uma história da Psicologia, Serviço Social e Cultura Hip Hop em prisões do sul do Brasil*, Fernanda Bassani nos brinda com um texto consistente, porém sensível, em que analisa alguns papéis adotados pela Psicologia e Serviço Social no sistema prisional, em contraposição aos usos possíveis da cultura periférica, em especial o *hip hop*, dispositivo visto como marginal no âmbito de tratamentos penais. Para tanto, a autora se baseia como campo de análise os cárceres do Rio Grande do Sul, ao longo do século XX, procurando realçar também as diferenças no cenário trazidas pelas recentes facções prisionais. Diante desse universo, demonstra, inspirada em Agamben, a necessidade dos egressos do sistema prisional em “contar sua própria história para o mundo, independente dos constrangimentos gerados, pois cada fala é a prova de sua vitória sobre a morte.”

Por fim, “*Mandando para fora*”: o atacado de drogas na fronteira Brasil/Bolívia foca nos esquemas estabelecidos pelas redes ilegais do narcotráfico, sobretudo, o atacado de pasta base e de cocaína na fronteira Brasil/Bolívia por meio de uma etnografia que tornou possível compreender os fatos a partir dos atores sociais envolvidos naquelas práticas.

Os artigos aqui apresentados demonstram toda a magnificência do entrecruzamento entre crimes e prisões sob distintos vieses temporais, bem como a oportunidade ímpar de organizar tamanha diversidade junto a um dossiê capacitado em meio a uma saborosa heterogeneidade.

Corroborando o entrelaçamento interdisciplinar do presente número, deve ser ressaltado o intrigante debate historiográfico desenvolvido a respeito da entrada dos visigodos nas terras do Império Romano, considerando a relação entre a confederação visigoda e o poder imperial junto ao artigo Aspectos da entrada da confederação goda nas terras do império romano. Por fim, é necessário destacar toda a relevância e centralidade do debate desencadeado sobre a temática referente ao ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira em relação às narrativas didáticas presentes na coleção “História Sociedade & Cidadania” dos Anos Finais do Ensino Fundamental utilizada no município de Marabá-PA que podem ser encontradas ao longo da análise tecida em Livro didático e o ensino de história da África e Cultura Afro-brasileira: narrativas e políticas públicas.

O presente dossiê além dos artigos descritos acima, conta com três entrevistas concedidas grupo de pesquisa ARISE (Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), relacionadas os mais diversos campos da arqueologia, trazendo novos olhares para além do passado, perante estes assuntos tão ricos, sendo a

primeira entrevista *James Joyce e a Arqueologia: uma conversa com Caetano Waldrigues Galino* a segunda relacionada as mídias cujo título *Arqueologia das mídias nas palavras de Jussi Parikka*, e a terceira e não menos importante a *Arqueologia Antártica digital: Entrevista com Andres Zarankin e Fernanda Codevilla Soares*. Abordando novamente a tecnologia em meio a arqueologia dando novas perspectivas para os estudos.

Camila Similhana Oliveira de Souza

*Professora visitante do Instituto Federal de Minas Gerais –
Campus São João Evangelista*